



### **“Uma sociedade” no século XXI**

Ana Martha Maia, Maria Sílvia Hanna e Sandra Viola

“Uma sociedade”, conto escrito por Virginia Woolf, no período de 1917-1921, foi adaptado para o teatro por um grupo catarinense e encenado no Rio de Janeiro.

No contexto das atividades preparatórias para o XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano sobre o tema *Mulheres de hoje, figuras do feminino no discurso analítico*, psicanalistas da EBP/AMP participaram de um debate no teatro do Centro Cultural Solar de Botafogo, após uma apresentação da peça.

Ana Martha Maia (Comissão *nãotoda*), Elza Freitas, Fernando Coutinho, Maria Sílvia Hanna, Sandra Viola e Stella Jimenez promoveram com as atrizes e público um debate, de uma maneira muito viva e atual, do qual alguns comentários foram recolhidos. A comédia entre os sexos em face dos semblantes na civilização: a mulher vitoriana do século XX e a mulher no século XXI; a mulher e a metáfora da colher furada; os modos de gozo e a escrita; a inexistência de um universal que possibilite a invenção singular... entre outros temas em torno da inquietante questão do feminino, foram inusitadamente abordados.

#### **“Uma sociedade”, Virginia Woolf - Três comentários**

Por Maria Sílvia Hanna

Desse encontro restou, na minha memória, uma boa lembrança, tanto da participação dos colegas da Escola, quanto das atrizes, que tiveram oportunidade de dar depoimentos muito vivos sobre a montagem da peça e as identificações com seus personagens, e do público, que apresentou suas inquietudes. Acredito que um bom debate se baseie em perguntas que permitam encaminhamentos interessantes. Propus então a seguinte questão: o que aproxima e o que separa as mulheres de hoje dessas mulheres do início do século XX?

Entre as mulheres do conto e as de hoje, há, certamente, uma grande distância, avanços da ciência, o feminismo, o surgimento e desenvolvimento da psicanálise, mudanças culturais e novos padrões de relações entre os homens e as mulheres. O que permanece atual é a necessidade de homens e mulheres darem uma resposta à questão sobre o que é ser uma mulher. Trata-se de uma pergunta que não



cessa de se repetir e que promove invenções particulares para cada tempo, para cada um. A mulher é um verdadeiro mistério que movimenta montanhas.

Freud descobre que a sexualidade é traumática e que a identidade sexual é consequência do Complexo de Édipo. Com Lacan e suas fórmulas sobre a partilha dos sexos, apreendemos que “A” mulher não existe, razão pela qual cabe a cada uma produzir uma mulher, servindo-se dos semblantes de sua época, que lhe permitam habitar seu corpo e entrar na comédia dos sexos, que, em alguns casos, pode virar uma tragédia.

O conto de Virginia Woolf relata o encontro de um grupo de jovens amigas que admiravam os homens, por serem tão fortes, tão brilhantes, tão corajosos e tão belos, invejando aquelas mulheres que, por bem ou por mal, deram um jeito de se ligar para sempre a um deles. Mas, naquela reunião, Poll explodiu em lágrimas contando seu desespero: seu pai tinha deixado uma fortuna em testamento, mas com a condição de que ela lesse todos os livros da Biblioteca de Londres. Ela tinha lido muitos desses livros e dizia que seria impossível continuar a fazê-lo, pois os livros eram, em sua maioria, indescritivelmente ruins.

Assistimos a um mundo bem diferenciado do nosso, os homens se dedicam a trabalhar e a escrever livros. As mulheres casam e geram filhos. Os papéis estão bem delimitados. Os homens são, para essas jovens mulheres, objeto de admiração. A crise de Poll faz vacilar essa situação: será que vale a pena continuar gerando filhos para que eles escrevam livros tão ruins? Elas sabem ler, mas é Poll que, obrigada pelo legado paterno, o faz de verdade. Sua descoberta é desanimadora e questiona o semblante do que era ser mulher para esse grupo de jovens.

Cada civilização oferece tanto aos homens como às mulheres diferentes semblantes para responder à afirmação lógica introduzida por J. Lacan que diz “A mulher não existe”, por um lado, e, por outro, “Não há relação sexual”. Em outras palavras, não existindo a mulher, deduzimos também que não há harmonia sexual. Na época retratada no conto, acompanhamos o início da queda de semblantes bem demarcados e o surgimento de transformações produzidas pelo feminismo, que propunha a igualdade dos sexos. Certamente, a igualdade dos sexos levou muitas mulheres a se aproximarem dos homens, vestindo suas insígnias. Chegamos aos dias de hoje, em que as mulheres sabem ler e leem bastante, abandonaram os fogões, ocupam lugares de destaque na direção de empresas, governos, a maternidade e o casamento se transformaram em escolhas e não mais em destinos esperados. Aquilo



que era considerado mais intimamente relacionado ao feminino está quase ausente da vida de muitas mulheres. Existem pílulas que inibem a menstruação, formas de procriação evitando a relação sexual propriamente dita, enfim, vivemos em um mundo onde as referências existentes para as mulheres do início do século XX estão em franca desapareição. Quais são as consequências desse estado de coisas?

Certamente, todas essas mudanças não trouxeram nem felicidade nem maior liberdade, como se pensava, e sim novos sintomas e sofrimentos que habitam nossas vidas. Assistimos à emergência de depressões intensas, assim como a acessos de ferocidade de muitas mulheres que tomam como objeto suas colegas, seus companheiros, seus filhos. Também há excessos, seja na relação com a alimentação, bebida, droga, trabalho, como cuidados extraordinários com o próprio corpo, que o colocam em risco (dietas malucas, plásticas desnecessárias). A mudança de semblantes não trouxe mais felicidade nem liberdade para as mulheres, como se supunha que iria acontecer. Trouxe sim a presença de tristeza, pânico e os excessos citados anteriormente. Em relação à comédia dos sexos, a situação continua complicada. As relações se tornaram difíceis, os encontros e compromissos adiados, muitas pessoas ficam isoladas em um gozo autista que passa por relações virtuais que impedem a saída de si mesmo. O que nos aproxima, hoje, a nós, mulheres desse pequeno grupo, é que estamos às voltas com uma busca que tem a ver com a indagação acerca do que “é ser uma mulher”. Cada uma delas e cada uma de nós, hoje, precisamos responder, de maneira singular, servindo-nos dos parâmetros que a época nos oferece. É aí que uma mulher pode-se servir da psicanálise para construir uma nova resposta, uma nova invenção que caia melhor no seu corpo.

O grupo de jovens mulheres faz um pacto que consiste em suspender as relações amorosas e não engravidar até conhecer de perto o mundo dos homens. Assim, elas partem em uma busca, infiltrando-se no mundo dos homens, fantasiadas de homens. Farão perguntas e voltarão com as respostas para ver o que é possível fazer. Claro que as respostas são desalentadoras, os homens não estão à altura do ideal. Mas, após cinco anos, e sem respostas conclusivas, Castalia se separa do grupo, casa e engravida.

Após o fim da primeira guerra, produz-se um encontro de Eleanor com Castalia e sua filha. Elas comentam que eram muito bobas quando organizaram a sociedade e que, se não fosse pela cláusula do pai de Poll, estariam ainda na ignorância.



Agora, a pergunta é outra: como educar uma filha sem ter nada no que acreditar? A leitura as tornou descrentes em relação aos valores que tinham. A saída inventada por Castalia é que, após sua filha aprender a ler, ela deverá ensiná-la a acreditar nela. É nesse ponto que o conto se encerra. Esse “crer nela mesma” nos evoca o “crer no sintoma”, de J. Lacan, apresentado no *Seminário RSI*. Entendo que esse “ensinar a crer nela” resulta em uma entrada das mulheres no campo do saber e do amor, que traz a possibilidade de produzir novas formas de gozo.

### **Uma colher vazia e seu contorno**

Por Sandra Viola

“Uma sociedade”, conto de Virginia Woolf, é a expressão da situação das mulheres no início do século XX. Numa Inglaterra ainda vitoriana, algumas delas se propõem a formar um grupo de reflexão sobre a vida quotidiana, no intuito de questionar e reverter sua posição no mundo. Conversa entre mulheres...

De início, parecem reunir-se em torno de pontos comuns, mas, pouco a pouco, cada uma vai delineando seu rumo, escapando, justamente, daquilo que seria o universal do grupo: o em comum.

Apoiada numa postagem no *Facebook*, feita por nosso colega de Minas, Celso Rennó, pude fazer uma breve intervenção na conversação: ele inseriu a imagem de uma colher vazada, e muitos de nós foram ali confabular sobre tão sugestiva figura.

Ocorreu-me, então, que aquele grupo de mulheres era puxado à conversação, à perguntação, assim, por um fio em torno de um buraco, tal como na imagem escolhida.

O enigma sobre o que quer uma mulher, qual o lugar — mais ou menos acertado — de colocar o desejo em marcha, só é possível significar a partir dessa parte *nãotoda* que a imagem da colher tão bem desenha. E o conto nos mostra muito bem que a significação, além de *nãotoda*, é singular. Cada uma daquelas moças vai trilhando um destino diferente. A maternidade é a resposta de uma, o acolhimento do pai é uma direção da outra, e assim por diante.

Virginia Woolf, que bem sabemos, termina seus dias como a outra inglesa, Ofélia, testemunhando, em seu conto, o buraco real que, fazendo falta no imaginário e no simbólico, os põe em movimento. Para cada uma, um.



## A escrita e a posição feminina

Por Ana Martha Maia

A partir do conto, a questão trabalhada, na peça, sobre a sexualidade feminina está em conexão com a contribuição de Adélia Prado à conferência realizada na EBP-Rio, quando comentou que sentia vergonha por se referirem a ela como poetisa. "Poeta é uma coisa mais bonita. E o ofício transcende essa diferença sexual de homem e mulher"<sup>1</sup>. Adélia prefere ser reconhecida como poeta, termo que não tem gênero, porque acredita que a criação é um processo masculino e que é um homem quando está escrevendo. Depois de responder a algumas perguntas, comentou, animada:

Quando eu descobri que isso é masculino e está em mim e a forma de eu ser mais mulher é eu não recusar um dom, aí foi um descanso. Agora vocês me deram a linguagem, é um falo, é um falo! [...] Se eu me recusar a isso por vergonha para ser politicamente correta, é pecado. Eu peço. E aí eu serei uma mulher anã, de segunda categoria, e eu não quero. Por isso eu quero escrever. Isso me completa, é o meu falo.<sup>2</sup>

A posição feminina não se restringe à mulher, mas a um modo de gozo, conforme Lacan apresenta nas fórmulas da sexuação.<sup>3</sup> Assim, por se referir ao gozo feminino, mais além do falo, nem todo aquele que escreve está em uma posição feminina. Nem todo escritor experimenta o gozo feminino. Uma coisa é o ato de escrever; outra coisa, o desejo de escrever. Se o ato de escrever é masculino, ativo, conforme a teoria pulsional freudiana — em que a libido é uma só, masculina — a escrita é sempre feminina porque busca contornar o vazio deixado pelo significante d'A Mulher, que não existe. Nesse sentido, toda escrita é feminina.

Retomar a conferência de Adélia Prado e articulá-la ao debate da peça é enfatizar que se trata de uma questão de estrutura, tendo em vista que o conto de Woolf e a poesia de Adélia se cruzam nessa questão, embora sejam historicamente diferentes. A atitude feminista de se preocupar em valorizar a mulher, buscando uma escrita especificamente feminina, incorre em erro: é a questão d'A Mulher que causa toda escrita.

---

<sup>1</sup> Em 1995, Adélia Prado esteve presente na IV Jornada Clínica da EBP-Rio, intitulada *A Mulher*, e nos apresentou com essa formulação sobre sua experiência com a escrita.

<sup>2</sup> Prado, A. *apud* Maia, A. M. W. *As máscaras d'A Mulher*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999, p.123.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.



É importante ressaltar a preciosidade do conto com relação ao que uma mãe pode transmitir à filha sobre o feminino. De acordo com Woolf: “depois que ela [a filha] aprender a ler, somente numa coisa você pode ensiná-la a acreditar — nela mesma”.<sup>4</sup> É isto: o desejo feminino como uma invenção singular de cada mulher.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Woolf, V. *Contos completos*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.182.

<sup>5</sup> Maia, A. M. W. “Em torno do vazio”. Em: *Outras Palavras* – Boletim do XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, nº10. jul. 2012.